



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Artur Azevedo *À Porta da Botica*



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

À porta da botica

Artur Azevedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Segunda peça do autor, escrita quando tinha 16 anos de idade.

Livro Digital nº 524 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo

(1855 - 1908)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

À PORTA DA BOTICA

CENA DA ÉPOCA



PERSONAGENS:

ANICETO (tipo da atualidade)

DIOGO

OLIVEIRA (um rapaz de 12 anos)

PASSANTES

A cena passa-se...

CENA ÚNICA

Vista de rua escura. À direita uma botica, à porta da qual veem-se algumas cadeiras.

(Aniceto, depois todos, por seu turno)

ANICETO *(velho jarreta, entra fumando e observando as cadeiras)*

E esta! ainda ninguém! *(Vê o relógio)*

Pois já lá vão sete e meia!

E os meus colegas não vêm

Pra falar da vida alheia!

Já as cadeiras estão

No seu lugar competente... *(Senta-se)*

Como corre a viração

Às portas de uma botica!

Se o juízo não me mente,

Quem está doente, bom fica,

Fica bom quem 'stá doente...

Temos bem que dar à língua

Aujourd'hui, meus colegas,

Esta gatinha anda à míngua

De meia dúzia d'sfregas...
Isto de andar a falar
Da vida do semelhante
É gosto bem singular,
Mas não será doravante:
É uma necessidade
Pra dar que falar ao povo,
Mentira seja ou verdade,
Só se quer — *assunto novo!* (*Levanta-se*)
Os senhores já adivinham
O que lhes conto? por Cristo?
Ora, senhores, não tinham
mais do que olhar: (*Indica*)
Esta casa é uma botica
Que vende sempre a quem passa:
Pastilhas de mel d'angica
Cataplasmas de linhaça...
O lugar é solitário.
Nem mesmo tem lampião... (*Confidencialmente*)
— Cuidado com o boticário
Que não passa dum... boticário,
É o seu caixeiro, o Senhor Mário,
Maluco como o patrão
Eu não falo da vida alheia.
Isto é só fazer ideia... (*Mostra as cadeiras*)
Nas cadeiras que aqui 'stão
Com muita constância tem,
As noites, uma reunião,
Um dia sim, outro também...
Aqui se fala de tudo.
Tudo por aqui contado é:
Sofrendo o pai do cascudo,
Sofre o avô do jacaré...
Se um sujeitinho lá bifa
Ao patrão certa quantia,
Se aquele faz uma rifa,
Se um outro não anda em dia,

Se um quebra, foge aos credores,
Se outro ajunta depressa,
Se aquele já tem amores,
Mal o avô-torto começa
Há que ser analisado
Na porta do boticário:
O pobre, o remediado,
O econômico perdulário!
*Eu não falo da vida alheia,
Isto é só fazer ideia!*
Falamos todas as noites
No que é no que fora,
Todos aqui chucham açoites,
Em todos os meto a tesoura!
E no que me der o cavaco,
Nele mais se mete a faca,
Hei de levar pro tabaco,
Hei de cortar na casaca!
*Eu não falo da vida alheia
Isto é só fazer ideia...*

(Entra Diogo)

DIOGO *(com um charuto apagado)*
Seu Aniceto, dá-me o seu fogo?

ANICETO
Por que não, Senhor Diogo?...

(Diogo, depois de acender o charuto, restitui o de Aniceto sem agradecer-lhe. Sai)

ANICETO *(só)*
É impolítico o Senhor Diogo!
Impolítico... malcriado!
Eu servi-lhe com meu fogo,
E não me disse obrigado!...

Este sujeito é um tratante,
Cautela, muita cautela,
Fala dos outros bastante,
E furta sem mais aquela!
Ainda há três dias
Queixou-se um negociante
Que vendeu mercadorias
A ele, qu' é um bom tratante!
Ouvi dizer numa venda
Que pediu a uma loureira
O anel — Deus me defenda —
Pra pagar a lavadeira:
Eu não falo da vida alheia
Isto é só fazer ideia...
(Passa pelo fundo um passante)
Viram aquele sujeito?
Cuidado, muito cuidado,
Diz que pra cousa tem jeito,
É um tratante refinado,
Ou refinado tratante,
Eu cá não faço questão
De vogal ou consoante,
De ser cachorro ou ser cão,
De ser tratante ou ladrão!
Me disseram qu'outro dia
A firma imitou do Sousa
Com uma tal maestria,
Que ninguém deu pela cousa!
E qu'anda co'uma donzela
E um constante derricho,
Subindo pela janela
Sem que ninguém dê por isso!
Enfim 'stou capacitado
Qu' é um tratante de mão cheia;
Mas olhem: este seu criado
Não fala da vida alheia
Isto é só fazer ideia... (Passa outro tipo)

Aquele é o tio do homem
Que há pouco pediu-m'o fogo,
Dizem que os cobres lhe somem
Sempre na banca do jogo;
Mulher e filhos não comem:
A panela está no fogo,
Ou — está no fogo a panela,
Sem nada ter dentro dela!
A filha já tem morgados
E o pai inda a tem por casta:
— O velho é maluco e basta!...
(Entre parêntesis — não gosto
Da história do tal tijolo,
Por causa dele eu aposto:
Se perde muito o *miolo!* —
Mas pensem agora os senhores,
Que apesar da circunstância,
Não tenho também amores
Com a Senhora Dona Amância!
Mas voltemos à questão,
Ia dar uma opinião:
Enquanto o velho se abrasa,
No *voltarete* se pega,
A menina fica em casa,
Pra jogar a *cabra-cega!*
Eu não falo da vida alheia
Isto é só fazer ideia...
(*Passa o rapaz de 12 anos largando gordas fumaças de um charuto*)
Olhem pr'aquele fedelho
Como gosta da fumaça!
Decerto toma em conselho
Como aí qualquer chalaça!
Parece filho do Neves,
Nada há que mais pareça...
O Neves Ramos? que deve
Os cabelos da cabeça?
(*Aponta para um sobrado*)

Olhem: nesta casa moram
Três ou quatro sujeitinhos:
O primeiro sei que namora
Uma viúva e *já agora...*
Etcoetera e tal... pontinhos...
Mas como tem bons cobrinhos,
Como essa viúva é rica,
Não se importa c'os vizinhos.
Nem com a porta da botica!
O segundo é um soldado:
O terceiro é um agiota,
Que apesar d'haver quebrado,
Não deixa d'andar janota!
O quarto não sei quem é:
Mas eu hei de me informar.
(Isso é mais velho que a Sé)
Pra vir dele aqui falar!
Sei que se chama Fernando,
E trabalha... vadiando;
Se lhe pergunto a razão
Por que sempr'anda na pândega,
Responde: Que admiração!
Sou empregado na Alfândega!
Eu não falo da vida alheia
Isto é só fazer ideia...
Mora naquele sobrado
Uma moça que fabrica
Tijolo com o namorado;
E o pai não se certifica,
Nem pergunta a Dona Anica
O que aquilo significa,
Quem é aquele rapaz,
Não teme a língua dos dois,
Nem a... porta da botica!
Eu não falo da vida alheia
Isto é só fazer ideia...
Na outra — pegado — mora

Um médico muito excelente,
Da carreira inda na aurora,
Já tem morto muita gente!
Dizem que a cura prolonga
Co'algumas drogas fatais,
Para a moléstia ser longa,
E os cobres renderem mais!
Tem no convento um irmão
De aventuras muito farto,
Roubou a filha ao patrão
Abandonou-a num quarto! (*Comovido*)
Coitada! morreu de parto!

Eu não falo da vida alheia

Isto é só fazer ideia...

(Aparece Oliveira vestido para o baile. Ao passar pelo fundo, cai-lhe alguma coisa e abaixa-se para apanhá-la)

Quem é aquele sujeito
Que abaixou-se na rua?...
Inda não o vi bem de jeito,
E agora... escondeu-se a Lua!
(Vai para junto de Oliveira e, sem que ele dê por isso, corta-lhe a aba da casaca com uma tesoura)

OLIVEIRA (*consigo*)

E esta! perdi um botão...

Quem achar seja feliz...

Escapuliu-me da mão...

ANICETO (*à parte*)

Eu não ouço o que ele diz.

OLIVEIRA (*à parte*)

Também o que pode valer?

Custa só meia pataca

O que acabo de perder! (*Sai*)

ANICETO (*à parte*)

Já lhe cortei a casaca!
(*Desce à cena com a aba na mão*)
Este sujeito é o Oliveira,
Ignoro o comportamento...
Vejamos se na algibeira
Tomo algum apontamento!
(*Tira um lenço da algibeira da aba*)
Um lenço fino de Irlanda;
Não 'stá inda pago. Uma aposta.
A marca está doutra banda...
Vejamos: *José da Costa!*
Um lenço do Zé da Costa
Na algibeira d'Oliveira!
Ah! já vejo que ele gosta
Como eu da ladroeira!
Oh! descaramento imenso!
Que ação negra e medonha!
Roubar... roubar um lenço!
É muito pouca vergonha!
Conto hoje na botica
O miserável atentado,
Amanhã o povo fica
Ciente...
(*Tirando dez tostões da algibeira da aba*)
Muito obrigado. (*Remexendo*)
Ah! inda um papel se pilha!
Vejamos o que ele diz! (*Vendo*)
Subscritado a minha filha! (*Lendo*)
"Joana, sou mui infeliz
Como o nosso amor puro e santo;
Te espero amanhã no canto,
Daremos uma fugida;
Joaninha, minha vida,
Meu querubim, meu amor,
Nem mais aqui voltaremos,
Teu pai esquecer devemos,
Não passa de um falador!

Manda dizer por escrito,
Se o pequeno, que nasceu,
Está feio ou 'tá bonito
Está vivo ou já morreu!" (*Desespera*)
Minha filha ter um filho!
Minha filha desonrada!
Ai, meus amigos, se os pilho...
Não me faltava mais nada!
Em vez de estar a vigiá-la,
Pois não tem nada de feia,
Eu vinha cá pra senzala
Falar da vida alheia!
Vou abandoná-la! um capricho:
Estas cousas não consomem...
Porque um gato é um bicho,
E um homem foi sempr'um homem!
(*Saindo arrebatadamente*)
Vou casá-los, vou casá-los...



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com